**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**COMUNICAÇÃO E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO NARRATIVA DISTÓPICA DA PANDEMIA DA COVID-19 NO LIVRO "AURORA”**

**Viviane Tamyres Souza Damasceno[[1]](#footnote-1)**

**Alda Cristina Costa[[2]](#footnote-2)**

**RESUMO**

Como a narrativa distópica do livro “Aurora” configura a pandemia da Covid-19, crise sanitária vivida pelo mundo de 2020 a 2022? A pesquisa objetiva identificar os principais elementos presentes no enredo dessa narrativa e a abordagem sobre temáticas de controle social, desinformação, isolamento e desigualdades. Nossa hipótese é de que a ficção distópica intensifica e reflete os medos experienciados durante a crise sanitária global, assim como fornece aspectos críticos sobre o impacto desse evento no contemporâneo e suas possíveis projeções futuras. A narrativa é entendida como produção de significado e o significado é uma relação de troca interativa, segundo Motta (2013). Para tanto, recorremos ao método de análise narrativa, buscando entender como os personagens lidam com a fragilidade das estruturas sociais e políticas e de que maneira esses cenários distópicos problematizam questões sociais, de vigilância e de restrições de liberdades. Assim, tentamos compreender - a pandemia num contexto ficcional - as transformações sociais em um cenário pós-pandêmico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação. Livro Aurora. Narrativa Distópica. Pandemia da Covid-19.

**1. INTRODUÇÃO**

Em 2020, o mundo vivenciou uma das maiores crises de saúde da história, a pandemia da Covid-19, um vírus de fácil transmissão que causa infecção respiratória. O primeiro caso da doença foi registrado em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. No mês de janeiro de 2020, o que até então era conhecido como uma nova pneumonia, foi registrado pela primeira vez fora do país. No dia 11 de março de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) oficializou a Covid-19 como uma pandemia, indicando o confinamento (o *lockdown* ) e o uso de máscaras como medidas de segurança para evitar o espalhamento da doença. Em abril do mesmo ano, contabilizava-se 1 milhão de pessoas infectadas no mundo inteiro. Era a primeira onda da Covid-19. No Brasil, o primeiro caso registrado foi no dia 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo, em abril, 50 mil casos da doença já estavam registrados e 3 mil mortes. Com tantas pessoas infectadas no país, os hospitais ficavam cada vez mais lotados e sofreram diversas crises, como falta de leitos de UTI, de materiais e de cilindros de oxigênio que eram necessários para dar suporte aos doentes, um dos casos mais conhecidos foi a crise de oxigênio em Manaus, em janeiro de 2021, que marcada pela falta de cilindros de oxigênio no estado. Em abril deste mesmo ano, o Brasil registrava mais de 13 milhões de pessoas infectadas, chegando a marca de 4.211 mortes em um único dia. No meio dessas notícias, foi também divulgado que a vacina contra a Covid-19 estava sendo preparada e em janeiro de 2021, a primeira pessoa foi vacinada. Em dezembro de 2022, 80% da população já estava vacinada com as duas doses necessárias. O Ministério da Saúde atualizou os números de registros no Brasil em janeiro de 2023, até então o país contabilizava 36.362.366 casos confirmados do vírus, sendo a região sudeste com maior número de casos registrados. De acordo com dados da OMS, 6.671.624 morreram pela Covid-19 em todo o mundo, até janeiro de 2023.

Durante todo esse período de pandemia, o Brasil vivenciava um governo que negava a seriedade da doença e indicava a rejeição das medidas protetivas orientadas pela OMS. O presidente em gestão, Jair Bolsonaro, deixou diversas falas minimizando a situação vigente no país, preocupando-se com as consequências econômicas que resultariam com a efetivação dessas orientações e repassando ideias que contradiziam às orientações de saúde. Uma das falas mais famosas do político foi feita no dia 24 de março de 2020 em um pronunciamento veiculado na televisão, onde ele faz referência à Covid-19 como apenas uma “gripezinha” e ainda menciona que não havia necessidade para histeria que todos deveriam seguir a vida normalmente. Houve ainda, a forte rejeição do presidente ao uso da vacina, indicando e investindo no movimento antivacina que crescia durante aquele período, retardando a vacinação da população. Frases como “não precisa entrar em pânico”, “cobre seu governador”, “vamos todos morrer um dia” acompanharam o presidente do Brasil durante a contaminação crescente do vírus. Era claro e óbvio a negação diante da situação pandêmica no país.

“[…] pois é por meio da linguagem que os homens se constituem cognitivamente como sujeitos, que o eu e o tu se constituem como pessoas ativas em um dado espaço e tempo. Por meio da enunciação narrativa, completa Fiorin, os homens se igualam aos deuses: criam mundos diversos.” (MOTTA, 2013, p. 11)

O homem vive por meio de narrativas. Ele conta sua história, seu dia- a - dia, seus sonhos, na mais simples conversa a narrativa está presente. E no livro de ficção também. Quando se cria um lugar com suas próprias leis, sua história de origem, seus habitantes, seu ambiente, ele não é criado do zero, há uma relação direta com o mundo real e suas manifestações. É exatamente por isso que seu leitor pode se encontrar na história, pode interpretar a narrativa e consegue entender a mensagem, porque há semelhanças com a realidade que experimenta. Dessa forma, a narrativa ficcional constroi significados e sentidos que são compartilhados com o leitor. Essa troca segue durante todo o enredo, pois seu leitor não é passivo, antes passa a construir conjuntamente durante a leitura. A história segue sendo escrita durante a leitura. Sendo assim, a narrativa está presente na vida do ser humano, estudá-la é compreender as diversas formas de comunicação e produção de significados na sociedade.

“[…] a narrativa não é uma expressão ingênua, nem é uma obra fechada sobre si mesma, mas um sentido em construção. Por um lado, a narrativa é um dispositivo argumentativo que visa seduzir e envolver o interlocutor, desvelando intencionalidades que lhe são implícitas. Por outro lado, ela é uma composição mais heterogênea que homogênea, revelando no processo de sua configuração correlações de poder e disputas pela cocriação e interpretação do sentido público dos eventos. A narrativa torna-se um objeto menos acabado e finalizado que antes parecia, apresentando-se como um objeto linguístico em constante elaboração e reelaboração pelos coatores ou coautores envolvidos.” (MOTTA, 2013, p. 12)

“[...] a narrativa é produção de significado e o significado é uma relação de troca.” (MOTTA, 2013, p.15). Dessa forma, alguém que vivenciou a pandemia da COVID-19 em 2020 consegue se colocar no lugar da protagonista em toda sua dor, perda, medo e tentativa de encontrar a cura, bem como sua inquietação com o governo indiferente vigente e as medidas drásticas que foram tomadas.

À vista disso, entendemos que durante a escrita de um enredo faz-se diversas menções a características presentes na realidade experimental, mesmo em histórias que constroem outros mundos ficcionais. Desse modo, nenhuma narrativa está isenta da sua relação com a realidade, ao buscar comunicar seus significados, seus sentidos, suas ideias, se recorre a estratégias narrativas e de linguagem que facilitem o trajeto da informação pretendida até alcançar seu leitor, sendo este leitor ativo e também construtor de significados.

A distopia como um gênero literário surgiu no século XX com enredos marcados por uma realidade autoritária e de guerras. O conceito “distopia” foi mencionado pela primeira vez pelo filósofo John Stuart Mill, em 1865, em uma referência ao oposto de “utopia” trazendo a ideia de um mundo pessimista, falido e sem certezas quanto ao futuro. Governo autoritário, pós-destruição (pós-guerra, pós-catástrofe, pós-pandemia), enredo futurista, elementos de conformidade (sociedade dividida em grupos sociais), propagandas de sociedade perfeita, personagem principal tem o desejo de restaurar a sociedade, essas são algumas características presentes no gênero literário distópico, gênero utilizado para análise deste artigo.

Para a análise, será utilizado o estudo de narratologia desenvolvido por Motta e descrito em seu livro “Análise Crítica da Narrativa” aplicado na distopia “Aurora”, em uma leitura e estudo minuciosos para entender os fenômenos comunicativos presentes na obra, verbal e simbolicamente. Também será estudado as questões de tempo e narrativa utilizando os pensamentos de Paul Ricoeur e suas contribuições para entender o papel do leitor como coautor da obra, aquele que irá coconstruir a narrativa.

A obra utilizada para análise será a distopia “Aurora” escrita pela autora paraense Vitória Souza. O livro apresenta um mundo pós-pandêmico do vírus da C-19, em um país chamado Kyresia. Para manutenção de uma nova ordem, a sociedade foi dividida em cinco províncias: Agrícola, Artesã, Comercial, Tecnológica e Capital. A história se passa trinta anos depois da pandemia e Helsye Agris, da província agrícola, é a personagem principal e descobre ser imune ao vírus que ainda amedronta a nação, junto com um grupo de jovens partem em uma tentativa de encontrar uma cura e assim depor o governo tirano.

O presente artigo está dividido em quatro partes. Introdução, com uma breve contextualização para situar o leitor na análise narrativa e também no contexto histórico e politico que servirá de base. A primeira parte do desenvolvimento será dedicada para uma contextualização mais ampla sobre a pandemia da Covid-19 no Brasil e o cenário político vigente. Também será adicionado uma apresentação mais ampla sobre a metodologia escolhida, a narratologia, a análise narrativa estudado por Motta, bem como uma reflexão sobre a narrativa distópica. Em terceiro, será apresentado a análise aplicada à distopia e a representação do mundo na narrativa ficcional distópica. E por último, uma conclusão sobre o estudo da narrativa distópica e suas implicações.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. 8. ed. Trad.: Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LEWIS, Clive Staples. **Um experimento em crítica literária**. ed. Thomas Nelson Brasil, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

REALES, Liliana; CONFORTIN, Rogério. **Introdução aos estudos da narrativa**. ed. LLE/CCE/UFSC, 2008.

REUTER, Yves. **A Análise da Narrativa**, ed. Bertrand Brasil, 2002.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa-vol.2**. ed. WMF Martins Fontes, 2011.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e folha**. ed. Harper Collins, 2020.

1. Discente de Graduação 8° Semestre do Curso de comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará. E-mail: vivianetamyres@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora Doutora da Faculdade de Comunicação Social/UFPA. Orientadora do Artigo. E-mail: aldacosta@ufpa.br [↑](#footnote-ref-2)